

INVICTA CINE

semanario ilustrado

DE

cinematografia



preço

50

centavos

LOSM

nº
148

BAZAR DE NOVIDADES

RUA 31 DE JANEIRO, 224—PORTO

SECÇÃO FOTOGRAFICA

ALFREDO A. DA SILVA

Completo e variado sortido de Bonecas,
Brinquedos, Escovas e Pentas para todos
— os usos, Carteiras e Bijouterias —

PERFUMARIAS DOS MELHORES FABRICANTES

Preços sem competencia

ARMAZEM DO BOLHÃO

CHAPELARIA

Julio Duarte

Rua Sá da Bandeira, 393

— PORTO —

(Defronte do Mercado)

Armazem de Papelaria e Coloniaes

TORREFAÇÃO E MOAGEM

TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÃO

Fraga, Brenha & C.^a

69, Rua de Passos Manuel, 71

△ PORTO △

Electro-Bazar

Angelo & Irmão

421-R. Sá da Bandeira-425

— PORTO —

S. A. R. L.

TELEFONE, 4405

Depósito de material eléctrico, grande sortido
de candeeiros em todos os géneros, instalações
electricas e grande variedade em aparelhos
para aquecimento.

Confeccionamos e transformamos candeeiros em
diversos estilos. Execução perfeita e rápida.

CAMISARIA PERDIGÃO

(CASA EXPORTADORA)

= DE =

Leonel Perdigão

Praça da Batalha, 157

— PORTO —

Variado sortido de camisas, camisolas,
colarinhos, punhos, gravatas, toda a qua-
lidade de roupa branca para senhora e
creanca, meias, coturnos, suspensorios,
botas e casacos de borracha, guarda-soes,
bengalas, perfumarias, carteiras, etc. Exe-
cutam-se com toda a perfeição e brevidade
enxovaes completos para casamento e ba-
tizado, sempre novidades em artigos de
luxo, importados directamente das prin-
— = cipaes cidades estrangeiras = =

Preços sem competencia

Eduardo Pereira Pinto & F.^{os}

(CASA FUNDADA EM 1885)

Fábricas a Vapor de Acessórios para
as Industrias Têxteis

RUA DO BONJARDIM, 437-A

PORTO—(Portugal)

Telefones | ESCRITORIO, 1313
| FABRICAS, 1668

Cods. us.: RIBEIRO e A. B. C. 5.a Ed.
End. Teleg.: DORATO=Porto



SINGRANDO CONTRA
"TODAS AS PROCELAS"

O Vínculo

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

ROBERTO LINO

N.º 148

PORTO
12 DE DEZEMBRO
1931

REDACTOR PRINCIPAL

ALVES COSTA

E
SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. - DIÁRIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: - Rua das Musas, 45 - PORTO - (Portugal)

CRITICAS MATOU!

Fritz Lang, que foi o unico, durante a queda do cinema alemão, que se conservou firme no seu posto, fazendo obra propriamente nacional, dá-nos agora *Matou!*, um filme psiquiátrico deveras curioso sob todos os pontos de vista e que parece vir consolidar as tendências para uma renascença que a cinematografia germanica está esboçando desde o começo da era sonora. E se *Matou!* não marca, na história do fonocinema, um passo tão firme como algumas das suas primeiras obras marcaram no tempo do cinema silencioso, vem, pelo menos,—e isso já é muito—mostrar-nos que não só o adição dos ruidos, dos sons e das palavras em nada alterou as leis que governavam a composição dum filme mudo, mas tambem que o advento do sonoro ainda veio aumentar mais as extraordinarias possibilidades de expressão que o cinema já possuía e pôr novos e preciosos elementos à disposição dum realizador de talento. Por isso, se por um lado *Matou!* é uma grande obra de arte, por outro é uma grande lição. Fritz Lang fazendo habeis sobreposições de palavras e imagens (o que já se fazia de maneira análoga nas «actualidades») não só dá uma indicação que deve ser seguida, como tambem nos leva de novo para o campo do subjectivismo: as cênas que vemos, por exemplo, quando o chefe de polícia tem uma conversa ao telefone com o ministro, não são mais do que as imagens que estão passando na mente daquele, ao mesmo tempo que expõe uma série de factos. Este processo, que não é complicado, podia tambem servir, se isso se tornasse necessário, para nos mostrar as transformações que esses factos sofreriam ao serem reconstituídos no cerebro do outro. Isto poderia levar-nos até a um estudo psicológico curioso sobre um caso vulgar: mesmo no estado mais lúcido nós não vemos as coisas como elas são exactamente. «Tendemos sempre a deforma-las, afirma o dr. Allendy, segundo as



nossas próprias criações inconscientes». E ha casos em que essa deformação pode tomar aspectos muito especiais, que pelo cinema seria interessante ver tratados Mas agora reparo que estou divagando.

Matou! peca um pouco por aquilo a que Charensol, referindo-se a outras obras, chamou «desordem artistica» e a que eu chamarei falta de simplicidade. Todas as produções de Fritz Lang, devido em grande parte aos complicados cenários de Thea von Harbou, apresentam essa tendência para o desmedido, mesmo para a grandiloquência, o que as prejudica um pouco no conjunto. (E' curioso que esse mal enferma, tambem e muito mais, outro encenador de talento; Abel Gance.) Mas se nós podemos apontar em *Matou!* alguns excessos (descrição dos trabalhos da policia) temos de reconhecer que todas essas demoras são necessárias para nos revelar bem o estado em que se encontrava uma cidade inteira e para justificar e nos fazer compreender a atitude dos criminosos resolvendo, por seu turno, procurar o misterioso assassino. Vendo o filme em conjunto é possivel encontrar-lhe imperfeições. Mas nos detalhes, nas minúcias, Fritz Lang é insuperável, inatingivel. O assobio desafinado, a com-

pra das maçãs, a creada surda, o «plongé» sobre a escadaria sem ninguém, a sombra da cabeça do criminoso sobre a palavra «morder» dum cartaz, as mãos papudas de Peter Lorre, são pequenos nada que representam papeis capitais, que tornam uma obra grande. O «contre-plongé» tirado sob a escrivãzinha do comissário é outro detalhe magnífico. Define claramente o estado de cansaço, de esgotamento físico daquele homem e justifica plenamente a sua atitude quando vai à torneira molhar a cabeça, ao saber que o assassino foi finalmente descoberto pelos criminosos.

Todo o filme desenrola-se numa sucessão de cenas absolutamente perfeita. O cruzamento de diálogos e de imagens é impecável. A reunião dos bandidos e a conferência das entidades oficiais, desenvolvendo-se simultaneamente, completando-se, combinando-se, é um fragmento admirável. A cena da caça ao assassino, desenrolando-se com vigor num crescendo que termina num «fortíssimo» impressionante, é outra passagem de extraordinário valor e que seria suficiente para consagrar um artista. Além disso, Fritz Lang dá ao microfone uma mobilidade constante, de maneira alguma estorvando a mudança de posição da camera, que filma *sempre* melhor plano, que toma *sempre* o melhor ângulo.

Fritz Lang teve na sua mão um elemento de grande valor: Peter Lorre. Conduzido por um pulso que não conhece fraquezas e que tira dos seus interpretes *o que quere*, Peter Lorre teve em *Matou!* um trabalho assombroso que muito deve também ao seu próprio talento. A confissão de joelhos, no estranho tribunal dos criminosos, é qualquer coisa de extraordinariamente humano e de profundamente impressionante. A máscara de Peter Lorre, de uma mobilidade enorme, transitando dum sorriso choroso e idiota para uma forte expressão de pavor, dum rasgo de fúria para um momento de calma desesperada, faz-nos pasmar! Eu nunca vi maiores, mais terríveis expressões de medo, de cobardia, de terror!

Não merece a pena citar os nomes de mais interpretes, porque para citar uns, ver-me-ia obrigado, se quisesse ser justo, a citar os outros todos, porque todos estão absolutamente certos nos lugares que lhes marcaram. Dizervos que a fotografia de *Matou!* é primorosa e da mais bela será desnecessário. Vocês já conhecem bem como Fritz Lang se serve da luz e de sombra. Que vos diz mais? Só três coisas: que *Matou!* é uma obra dum valor raro que nos faz ter confiança absoluta no futuro do fonocinema e nos homens de talento (infelizmente bem poucos são...) que lhe vão guiando os passos; que *Matou!* é das tais obras que precisamos vêr três e quatro vezes para lhes podermos captar toda a beleza — notar todas as minudências, bem analisar cada detalhe; que *Matou!*, enfim, é um filme bom de mais para o público a que se destina, o qual manifestou bem a sua incompreensão ou a sua estupidéz, rindo-se nos momentos mais sérios.

Alves Costa.

Charlie Chaplin processado

No tribunal de Westminster acaba de se julgar um diferendo entre Charlie Chaplin e a sua secretaria Miss Mary Sheper que lhe reclamava 100 Libras de honorários.

Os debates revelaram coisas singulares sobre a organização da publicidade da viagem à Europa de Charlot.

Miss Sheperd recebia, parece, pelos mesmos serviços, 5.000 francos por semana de Jacke Coogan; 4.000 francos de Norma Shearer; 2.000 francos de Jeanette Mac Donald, etc.

Parece que ela não ficou muito contente com Chaplin porque o grande artista era muito exigente e tratava com a maior sencerimonia as grandes personagens oficiais de quem a sua secretaria fazia provocar convites.

E' assim que, convidado para um jantar por Mac Donald, em 9 de Março findo, Charlot partiu na vespera para Berlin deixando a Miss Sheper o cuidado de reparar esta singular incorrecção.

Chaplin que veio à pressa de Paris foi ouvido no tribunal e finalmente condenado.

Joë May e Raymond Bernard, realizadores franceses, estão procedendo, respectivamente, à montagem dos filmes «Deux dans une voiture» e «Les Croix de Bois».

—Henri Diamant-Berger, começou a realização do filme «Ma Tante d'Honfleur».



O bellissimo actor cómico Armand Bernard e Mary Glory no fonofilme «Sr. Director» (Dactilo) que brevemente se exhibe no Aguia d'Ouro.

O "Congresso Lilian Harvey"



Dóravante, quando eu pensar em Lilian Harvey, vê-la-hei sempre, como um silfo leve dansando ao sol, em vestido claro, levada numa carroça de conto de fadas, através da cidade e do campo, para a felicidade. Isto é uma cena do seu último filme «O congresso que dança» e esta cena, é uma das coisas, mais poéticas e mais belas que nos deu o cinema nos últimos anos. Vêmos Viena em 1815; Lilian Harvey, com uma cintura alta até ao peito, com calças de fólhos que ultrapassam a saia de préguas. Ah!... o comércio das luvas devia prosperar em Viena dêsse tempo, todas as luveiras eram tam estonteadoras, como delicadas e sorridentes!... O tzar Alexandre da Rússia que se parecia muito com Henry Garat, tinha compreendido que o congresso de Viena, onde se jogava a sorte da Europa, era uma coisa de pouco valor, perante o amor desta adorável vendedeira de luvas. Deixava Metternich e Talleyrand por ela, e abandonava a sala das sessões para ir ouvir as valsas de Viena...

Tendo verificado êste sucesso, que influenciou a Europa inteira, Lilian Harvey compreendeu que o único congresso do qual poderia tirar um partido autentico, seria o que ela própria presidisse. Então, há dias, depois duma triunfal repetição do seu filme, convidou os seus amigos de Paris a reunirem-se num grande hotel, perto da Estrêla. Eu confesso que por nada dêste mundo teria faltado a êste «congresso Lilian Harvey».

Verdadeiramente êste é que devia chamar-se «O congresso dança», tanto nós estavamos alegres e felizes de ter Lilian Harvey entre nós como nossa serridente presidente. Num vestido moderno, com uma saia «marron», vestido com esbeltêsa rara, Lilian continuava a parecer uma fada, um ser imaterial, que a qualquer instante ia partir. Tambem ficamos confusos, ao notar os progressos que esta fada tem feito em França, onde bronzeou as costas êste estio, passando as férias em Juan-les-Pins, pátria dos pyjamas de praia, do aquaplano, dos belos carros e dos concursos de elegância. Será Lilian Harvey, por acaso, semelhante às outras mulheres? Partilhará dos seus gostos?

—Mas sim, diz-me ela com um leve acento inglês, eu gosto dos carros, dos pyjamas e banhos de sol. Gosto muito de Juan-les-Pins, onde acabo de comprar uma casa. Todo o estio estive ocupada a mobilá-la e prepará-la.

—Estilo 1815... ou 1931?

LILIAN HARVEY no «Congresso que dança»

—Estilo provençal. Não me falta senão dar um nome à propriedade, mas creio que achei um: «O caminho do Paraíso»; é ou não é bonito? E' o nome do filme que me lançou em França... E Juan é bem o «Paraíso» do qual eu tomo o «caminho» cada vez que os studios de Berlim não me fazem prisioneira. Os meus projectos? Parto dentro de três dias para a Alemanha para filmar uma nova fita.

—Em «O congresso que dança» era a primeira vez que interpretáva um filme fóra de época?

—Sim e eu desejava-o há muito tempo. Sempre o moderno e aborrecido. Quando me falaram de Viena em 1815, dos costumes de Viena, das valsas de Viena, saltei de alegria...

—E agora êsse filme foi para Você um sucesso. Eis os seus desejos realizados.

—Oh não, protesta Lilian sacudindo as suas madeixas loiras; há uma coisa que eu ainda não fiz no cinema e que desejava fazer...

—O que é?

—Morrer... Eu ainda não morri no écran... E como eu desempenho sempre filmes alegres, não terei nunca ocasião de... Mas como eu gostaria de fazer isso. Toma-se uma pose muito bonita e pronto, já está. Todas as gentes à nossa volta nos lamentam e dizem: Pobre Lilian, linda Lilian e choram muito... Como isto deve ser agradável!

Ah! que esta Lilian Harvey é cruel apesar do seu rosto de anjo malicioso. Quere fazer fingir morrer, para ver se nós choramos. Está bem!

Para a punir, nunca nenhum «metteur-en-scène» devia pedir-lhe coisa tam triste com o rosto que Lilian Harvey apresenta neste momento; a gaiatice é obrigatoria, porque ela revoltieia os seus cabelos com uma graça tam jovem como provocante. Acaba justamente de chegar um fotografo que pede a Lilian uma pose. Hesita um instante, depois assenta-se sobre o piano cruza cusadamente as pernas e sacode os cabelos para os espalhar...

Eis a atitude sonhada pela presidente do «congresso Lilian Harvey» convocado para esta tarde.

Claude Doré.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma imagem de «Lua Nova»

Miguel Petroff, tenente do exército russo, conhece a Princesa Tanya a bordo dum barco que os conduz ao porto de Krasnovodsk, cidade do Oriente sob o domínio da Rússia Imperial. O Mar Caspio parece inspirar-lhes um mutuo e profundo sentimento de simpatia. Manejam o «flirt» com entusiasmo e requinte.

Durante a viagem, a galanteria amorosa é para eles o melhor balsamo que a monotona travessia lhes poderia proporcionar. Se o garboso oficial, porém, tomou como sinceras as palavras gentis da passageira ilustre, o mesmo não pode dizer-se de Tanya que parece ter encarado o encontro simplesmente como uma deliciosa aventura e nada mais.

Chegados ao porto do destino, Petroff sensibiliza-se desagradavelmente ao ver a figurinha gentil e principesca desembarcar, dando o braço ao Governador Boris, sem lhe dispensar uma palavra afectuosa ou um olhar, ainda que fortuito, após o ter seduzido com os seus extranhos encantos.

E' que Tanya dirigia se a Krasnovodsk afim de dar a sua mão de espoza ao Governador de quem estava noiva.

Para solenizar tão grande acontecimento mundano, Boris dá uma festa dum fausto excepcional. A Miguel, pertence-lhe, segundo o protocolo, um convite. Aguarda-o ansiosamente, sem resultado. Revoltado contra o vil procedimento da mulher que tão ardilosamente o enganára, solve comparecer no Palácio, sem se preocupar com as graves consequências que a ousadia lhe traga. Boris, ao vê-lo, revolta-se contra o atrevimento imprevisito, chegando a sua cólera ao rubro quando Miguel audaciosamente canta, perante toda a assistência, uma canção alusiva ao incorrecto procedimento da Princesa.

O Governador resolve vingar-se do ousado subordinado. Destaca-o para a longínqua for-

O Filme «Lua Nova»

que se exhibe na próxima segunda feira

no Aguiá d'Ouro

taleza de Darvas, de onde difficilmente elle voltará com vida, dado o espirito sanguinario da guarnição do forte. Tudo indica que elle será chacinado, como tantos outros officiaes para ali enviados.

Tanya, fortemente magoada pela cena passada no casielo, parte na mesma direcção, disposta a vingar-se directamente do homem que a ultrajára. Quando ali chega, os turcos atacam a fortaleza. Miguel não só oubera disciplinar os seus homens, obrigando-os a obedecerem cegamente ao seu rígido comando, como, á frente deles, combate encarnicadamente o inimigo. A certa altura, pede reforços que o Governador prepositadamente retarda. Quando apparecem já a peleja terminára a favor dos russos, graças á heroicidade do valente official. O Governador Boris, julgando-o morto, telegrafa ao Imperador rogando-lhe á ascensão de Miguel ao posto immediato. Boris, ao conhecer a verdadeira situação, cai das nuvens!

A vitória das armas dera a Petroff o amor, desta vez sincero, da linda Tanya que, esquecendo o verdadeiro motivo que ali a levara, não poudo ficar indifferente perante o feito heroico do amoroso guerreiro!

* * *

Lawrence Tibbett e Grace Moore, são os interpretes desta produção.

Todo o grande exito conquistado pelas duas «estrelas», até ha pouco do teatro lirico, e agora do cinema musicado, a Metro-Goldwyn-Mayer quiz reuni-los na mesma realização. «Lua Nova» foi, pois, escolhida como uma obra extremamente adaptavel aos grandes meritos artisticos dos dois célebres artistas. Um outro grande atractivo este filme encerra. A actuação do distincto artista Adolphe Menjou no difficil papel do Governador Boris, que se coaduna esplendidamente com o seu caracter.

«Lua Nova» apresenta-nos musica lindíssima dos compositores Sigmund Rombert, Oscar Hammerstein, Herbert Sothart, Clifford Grey e Howard Johnson, destacando-se os números: «One Kiss», «Wanting You», «Lover Come Back To Me», «Stouthearted Men», «The Farmer's Daughter», «That is your price, Madam?» e «Barenia».

FOTOGRAFIA GUEDES

• MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

Lawrence Tibbett

O "heroi cantor" dos funerais, da opera e do cinema.



Uma imagem de «Lua Nova».

Ele descende das tribus nomadas que vão em caravanas vadias, por essas terras alem, ao sabor do Destino—párias da sorte a desafiarem inclemências—fixando aqui e ali as suas moradias provisórias, para seguirem depois, numa caminhada longa, por desertos e estevais, sabe Deus até onde, sabe Deus até quando...

Sua Mãe nascera numa carroça—valhaoito pobre da tribo que caminha—lá para as bandas nortenhas, que os companheiros esconderam numa ravina, a furtá-la das setas mortais dos peles vermelhas

Seu Pai, que era «sheriff» numa pequena povoação da Califórnia, foi morto á traição—não se sabe por quem—quando tentava capturar o terrível bandido McKinney...

Foi nesta povoação—a sua linda Bakersfield—que Thibbett nasceu. Filho de pobres, começou aqui a sua vida pobre, de pobre filho de aldeia...

Ja á escola, segava erva, guardava gado, vendia jornais... passava fome! Mas de quando em quando um laivo de alegria atenuava as suas privações. Ia cantar nos «teatrinhos» modestos e nos enterros da sua terra.

... E sabem qual era o seu maior prazer quando cantava nesses enterros? Estravagante prazer, quasi inconsciencia, mas que é, sem dúvida, a revelação da sua intuição artística:—o de fazer comover os doridos e os assistentes!

Depois... o conhecimento de si proprio:—o inicio da aspiração, da aventura, num rosário grande de sacrificios, de ilusões, lutas e contrariedades, para criar uma personalidade, para se tornar alguém.

A Ventura não o desamparou! E de luta em luta—sempre o nomada errante—chegou um dia ao «Metropolitan Opera House» de New-York.

O acaso proporciona-lhe a que se fizesse ouvir, pela primeira vez, no papel de Ford da Opera «Falstaff», de Verdi.

As revistas musicais e os periódicos, dos quais guardamos alguns exemplares e transcrições, gritam ao mundo o seu triunfo e revelam-nos as suas qualidades artisticas... e tão lisongeiramente e com tanta continuidade, que não tardou em que Tibbett fôsse considerado o mais popular dos barítonos da América do Norte.

Foi assim que Tibbett criou a sua personalidade, que depois cultivou com carinho, numa ânsia grande de progredir. Traduzimos de uma revista algumas palavras que êle ditou após a sua apresentação no «Falstaff».

—«Estava decepcionado de todo, pois trabalhava com tôda a alma, numa ânsia de vencer...

e os meus esforços ainda não haviam sido coroados, pela recompensa que anhelava.

Saí a cantar naquela noite, com o mesmo ânimo de sempre. Cantei como havia cantado anteriormente, nos côrcos e nos pequenos papeis de que me incumbia—nem melhor nem pior. Mas por qualquer razão que nunca pude perceber, depois que terminei a minha «ária» o publico irrompeu com os mais estrondosos aplausos que tenho ouvido na minha vida artística.

Desde aquela noite tive mais fé na minha potencialidade artística, no meu trabalho, e creio que essa confiança que me proporcionou tal êxito, teve bastante que ver com o desenvolvimento das minhas faculdades, numa escala ascendente, que a mim próprio satisfaz».

Será na próxima semana que vamos ter novamente ocasião de apreciar Lawrence Tibbett no filme «Lua Nova». Depois da sua apresentação na «Canção do Bandido» êle tornou-se desejado e há-de acabar, agora, por conquistar um numeroso publico, pois todo êle pode acorrer a ouvi-lo com a certeza de passar umas agradáveis horas de bel-canto.

Tibbett agradou e continuará agradar pelo magnetismo da sua voz bem timbrada—magnetismo sem artifício—duma surpreendente musicalidade, que se destaca magestosamente—uma voz rica, potente e expressiva, realçada por uma interpretação viva e humana.

Conhecedores da sua tenacidade exemplar, estamos certos que após a actuação no seu primeiro filme, Tibbett deverá ter empregado todos os seus esforços para se aperfeiçoar e nos revelar mais ainda as suas grandes faculdades, completando a já agradável impressão que nos deixou na «Canção do Bandido»

Tibbett atraiu-me sempre pelo seu passado, pela sua maneira heróica de arrostar a vida, com uma energia grande e invejável de encarar a vida duma maneira extremamente otimista. Revela-o o seu sorriso franco, a confiança como olha tôdas as coisas, que vemos estar inteiramente ligada com o seu sentir, sem dramatizar particularidades ao ponto de as tornar em tragédia.

Ele descende das tribus nomadas de raças fortes—que vão em caravanas vadias por essas terras d'alem, ao sabor do Destino—párias da sorte a

(Conclui na última página).

DAVIDA CINEGRATICA

ULTIMAMENTE, os filmes sobre quadrilhas e contrabandistas, assuntos que explorem ou abordem quaisquer crimes ou desacatos à lei, nos Estados Unidos, são severamente censurados e mesmo proibidos em alguns territórios da América. Ultimamente matou-se um rapaz em Montclair, tendo sido provado por juizes e técnicos policiais, que o mesmo se suicidara em consequências da forte impressão que lhe havia deixado um filme d'esses. O governador Charles Martens, de East Orange, escreveu uma carta a Will H. Hays, o «patrão do cinema americano», chamando-lhe a atenção para esse facto. Hays, em resposta, depois de apontar o cinema como elemento auxiliar da educação, disse: «Não desculpo nem admito qualquer filme que tente glorificar um gangster (membro de quadrilha ou chefe de contrabando). O eficiente tratamento para o assunto criminal, quer como facto social ou motivo dramático, é um direito inalienável que tem a imprensa, o cinema e o teatro e não posso impedir que um assunto tal seja *boycotado* sem base firme para apoiar essa resolução».

MARION DAVIES, a conhecida estrêla do cinema, é uma verdadeira alma caridosa. Presentemente, está estudando a construção de um asilo para orfãos.

Parece que o plano desta simpática artista está em vias de realização, pois Marion Davies conta já com a valiosa colaboração do governador de Los Angeles.

ACUSADA de ter roubado o amôr de Duncan Renaldo pela ex-esposa dêste, Edwina Booth, a deusa branca de «Trader Horn», compareceu, ultimamente, perante um tribunal de Los Angeles.

Segundo a queixa apresentada, a insinuante artist» devia indemnizar a *desolada* ex-esposa em 50.000 dollars. Afinal, depois duma longa polémica, ficou tudo sem efeito.

HÁ TEMPOS, correu a notícia que Lillian Harvey estava tuberculosa. Confessamos que ao saber disso quási nos vieram as lágrimas aos olhos pois temos uma grande simpatia pela Lillianzinha.

Afinal é boato, pois segundo n s afirma um amigo chegado há pouco de Berlim, a deliciosa artista está de perfeita saúde.

Ainda bem...

OLGA BACLANOVA, uma das boas artistas cinematográficas, ultimamente, tem trabalhado em vários palcos da Califórnia, por não encontrar empresa cinematográfica que a contrate.

PEARL WHITE, a heroína de vários filmes em séries que há anos foram exibidos nos nossos écrans, parece que ainda tem saudades dos tempos passados. Há dias, a titulo de ir visitar a sua colega Pearl Shepard, assistiu entusiasmadíssima à filmagem de várias cênas de «Olive, passageiro clandestino», que Maurice de Canonge está realizando nos Studios de la Villette.

Interrogada por um jornalista que se encontrava nêsse local, Perola Branca, deu a entender que ainda há-de voltar a trabalhar para o cinema.

NO PRÓXIMO dia 18 do corrente mês, estreia-se em Paris, o último filme de René Clair, «Viva a Liberdade».

Esta produção do grande realizador europeu, deve ser apresentada em Portugal em Janeiro.

ILUSTRA a nossa capa uma fotografia de Grace Moore, famosa artista do teatro lírico americano e protagonista de «Lua Nova», o filme que na proxima 2ª feira se estreia no cine Aguiá d'Ouro. «Lua Nova, é um lindo romance de amôr. Drama, aventura, intrigas palacianas. Baseia-se numa opereta que, durante longo tempo, obteve o maior sucesso no Imperial Theatre de Nova York.



Uma imagem do super-documentário «A Voz da Ajrica» que no cinema Tivoli de Lisboa obteve enorme sucesso e que brevemente se estreia no Aguiá d'Ouro

A COLUMBIA PICTURES, começou produzindo «The Feathered Serpent» original do popular escritor de novelas misteriosas Edgar Wallace; Bette Davis, é a protagonista.

EM SEGUIMENTO ao filme «Dr. Fu Manchú», a Paramount, terminou ultimamente «A Filha do Dragão». Esta produção é interpretada por Anna May Wong, Warner Oland e Sessue Hayakawa.

LOGO QUE Maurice Chevalier termine «Uma Hora Contigo» que está sendo filmado sob a direcção de George Cukor, principiará imediatamente a trabalhar em «Amanhecer esta noite», dirigido por Lubitsch.

A estrêla destas duas produções é a encantadora Jeanette Mac Donald

EM MUNICH, formou-se uma nova empresa produtora de filmes a qual usa o nome de «Reichsfilm G. M. B. H.»

EM FACE dos protestos do público, foi novamente proibido na Austria o belo filme «A Oeste nada de novo».

O ECRAN, é o titulo de uma nova revista cinematográfica que se publica em Setubal, sob a direcção do Sr. Miguel F. Manjua.

«O Ecran», que se apresenta decentemente, é digno da simpatia de todos os cinéfilos.

Ao novo colega, desejamos uma longa vida cheia de prosperidades.

O DIARIO DE NOTICIAS no seu número de quarta-feira passada, publica a seguinte noticia:

«As estrêlas protestam. Não as do céu, que das indignações dessas não se aperceberia o mundo.

As estrêlas que protestam são as de Hollywood, as do cinema. E' que lhes foram aos ganhos, e deram-lhe cortes de respeito. Os directores de companhias invocam para isso dificuldades, a crise, o que lhes vem à cabeça.. Estrelas e ases berram que os directores querem enriquecer, explorando-os. Os jornais apoiam os industriais do cinema, lembrando que em face do desemprego crescente e assustador êsses



POLA NEGRI

Completamente restabelecida da doença que a prostrava logo após a sua chegada a Hollywood, está trabalhando presentemente nos estúdios da RKO-Pathé

grandes salários de Hollywood são escandalosos.

São apontados alguns, fabulosos.

Constança Dinetti, por exemplo, bate o «record»—30 mil dolares, ou seja mais de 1 000 contos, por semana.

Ruth Chatterton, pelo seu trabalho em seis fitas, cobrou 22 mil contos.

William Powell e Richard Barthelmess batem-se com ordenados mensais de 900 contos.

E assim por diante, e para não falar em Douglas Fairbank, Mary Pickford, Corina Griffith e outrase outros que tais.

Terra de ouro, essa de Hollywood, e tão sedutora, por isso que ainda hoje a suas paragens aproam gentes de toda a terra. Los Angeles é porto de naufragos, e de naufragos políticos principalmente. Os que não entram nos filmes, entram em negocios os mais variados, compram tendas, exploram res-

taurantes e cafés, são professores de esgrima e de ginástica. São tudo, e muitas vezes chegam a até a ser pobres, sujeitando-se aos misteres mais vis.

Hollywood, terra de Promissão. Mau grado os protestos das estrelas, os truques dos seus directores, as campanhas dos jornais americanos a favor da nacionalização da industria cinegráfica, lá continuará correndo oiro em torrentes.

Ainda agora, segundo consta em gazetas de além e de áquem Atlantico, uma rapariga americana fez um seguro mirabolante: meio milhão de dolares pelas suas pestanas, que peritos de beleza feminina consideram ser as mais formosas do Novo Continente.

Meio milhão de dolares!

E quási toda a gente pensa logo: publicidade, mais uma estrela... mais uma fita da América!

FRITZ KORTNER será o encenador de «O Cadaver Vivo», baseado na obra de Tolstói.

Este filme é produzido pela Victoria Film, de Paris, tendo como principal intérprete Alexandre Moissi.

Dêste romance existe já um filme editado na Russia.

Os speakers brasileiros em filmes para portugueses

Habitados estamos nós, a considerar o nosso país como uma feitoria estrangeira, já não notamos todos os excessos que até nós chegam, pois nos parecia superfluo tal.

Isto, êste «Jardim-á-beira mar plantado», só semeia para os outros colherem; é uma espécie de casa de lavrador onde o próprio dono trabalha, mas onde os vizinhos colhem: nós, não vamos entrar em delongas, para dizer o motivo do arrasado.

Nos tempos primitivos do falecido mudo, um dos grandes males de que enfermava a cinematografia de então, eram as legendas de português tam horripilante, que fazia revolve-se na tumba todos os filólogos conhecidos falecidos. Eram um autêntico desastre, que provocavam por vezes gargalhadas de riso e que noutras ocasiões metiam dó.

Com o decorrer dos anos melhoraram e quasi se tornaram boas; os críticos que até então verrinavam contra êsse estado de coisas, começaram a fechar as críticas com as palavras sacramentais «Legendas correctas», «Boas legendas»

Todavia como tinham atingido quasi a perfeição, houve um sol de pouca dura, pois o cinema sonoro veio reduzir a sua função elucidativa e aniquelá-la-hia, se estivéssemos dentro do próprio país da casa produtora. Algumas casas contudo bem intencionadas, não em atenção a nós, mas ao mercado brasileiro, adeando que o excesso de língua estrangeira dentro dum país pode dar origem a graves protestos, que podem ir até á proibição da entrada desses produtos no país, resolveram amavelmente colocar «speakers nos filmes. Assim, vimos já disto em «Com Byrd no Polo Sul», «Rango», e dizem que «A voz de Africa» tem speakers. A ideia não era mal lançada, mas o emprêgo de speakers nesses filmes, de naturais brasileiros tem feito com que sejam o mais absolutamente risíveis tais inovações, porquanto recorda-nos que o speaker que falava em «Com Byrd no Polo Sul» parecia estar declamando o disco «Guerra ao mosquito» e nunca preleccionando para um público fôsse êle qual fôsse.

Torna-se pois necessário escolher para speakers de filmes, creaturas, quer portuguezes, quer brasileiros, que possuindo uma determinada cultura, evitem dar-nos a língua de prêto com que nos tem mimoseado até aqui. Fácil é conseguir tal fim, encarregando nesse serviço artistas de teatro que saibam declamar perfeitamente

Tal como nos tem sido apresentados até agora, os filmes com speakers podem ser os mais dramáticos possível, que nunca conseguem das plateias senão uma gargalhada. Porquê?

Talvez infelizmente quem tem servido de speaker nos filmes que apontamos está criva-

do de defeitos filológicos e fonéticos que não é fácil corrigir.

Além disso não se pode querer dum brasileiro, português falado em condição, com novos termos no vocabulário, introduzidos não só pela diferenciação do folklore, como ainda por necessidades diversas. Um brasileiro, servindo de speaker está muito longe de falar português, mas certamente que falará correctamente aquilo a que chamam brasileiro. Pode estar certo, pode haver muita gente que goste, mas cada rôca tem seu fuso e nós em terras de portuguezes queremos português; que os brasileiros, gostem do seu dialeto está muito bem, mas em Portugal é caricato.

Como já é estilo, alguns brasileiros ou brezeleirófilos «enragées» virão atacar-nos porque nos julgam menosprezando o Brazil; contudo já para esclarecimento devemos dizer que muito admiramos o Brazil debaixo de determinados pontos de vistas. Noutros achamos, por vezes, um pouco de má vontade injustificada; umas críticas que lêmos há dias em revistas brasileiras cinematográficas, autorizam-nos aqui a dizer muito e muito sôbre o valor da cinematografia nacional em comparação com a cinematografia brasileira; todavia achamos essas críticas tam revoltantes, tão cheias de parcialismo réles que não vale a pêne fazer celeuma sôbre êste assunto; não há da parte do crítico cinematográfico brasileiro a reciproca benevolência que há quando aparece em terras portuguezas em filme brasileiro. As cinematografias dum e doutro país valem ainda tam pouco, estão ainda tanto na infância, que êstes azedumes reciprocos não devem ser considerados mais que uma brincadeira raivosa de bebês, que a surra da mão faz socegar; e no nosso caso, as surras são a própria consciência cinematográfica do valor de cada país.

Nobody

José Bonet

Muito dolorosamente registamos, nestas colunas, o falecimento do distinto pianista José Bonet.

Habitados a considerar gentes de cinema, os auxiliares mais secundários dêle, a morte de José Bonet faz-nos recordar, as esplendidas adaptações musicais de René Bohet a filmes exibidos no Jardim Passos Manuel, nas quais o falecido pianista demonstrava a sua extraordinária virtuosidade.

São personalidades queridas, doutras gerações, que vão caíndo no constante e vertiginoso rodopiar do tempo.

«Cinearte», uma das revistas cinematográficas que se publica no Rio de Janeiro, sempre que pode, embora a maior parte das vezes injustamente, ataca tudo quanto seja português.

Depois de ter feito uma tremenda campanha dos nossos filmes mudos que tem sido exibidos, alguns deles com exito, no Brasil e de ter censurado asperamente as três produções em português que a Paramount produziu, agora até os seus compatriotas ataca.

Sem alteração da ortografia, publicamos a seguir o que «Cinearte» diz num dos seus ultimos números chegados a Portugal:

«Nas diferentes vezes que nos temos referido aos films falados em portuguez. de tão mau effeito para as nossas platéas, fizemos sempre resaltar como os esforços são sympathicos, tão dignos de louvor e de elogio da Paramount se perdiam nessas tentativas.

Sempre nos pareceu e agora mais do que nunca que nós só poderemos ter cousa boa mesmo no genero, quando fazemos o film no pais e assim mesmo...

Chega-nos agora ás mãos o manifesto, protesto, mensagem, epistola, destamporio ou que melhor nome tenha, que em data de 1 de Setembro dirigiu de New York o sr. H. de Almeida Filho ao presidente da Academia Brasileira de Letras, documento de que copias foram remetidas ao «Interventor Federal, idem Municipal, os ministros de Estados, vários academicos, interventores estaduais, directores da instrucção publica de todos os jornais e revistas, á embaixada do Brasil em Washington e ao Consulado Brasileiro em New York».

Deixaram de receber o manifesto o Imperador da China porque na China não ha mais imperador e o dr. Baptista Luzardo, chefe de policia, para evitar futuros incommodos.

Mas afinal de que cogita esse formidavel documento, que contém elle de tão sublimado que haja sido feita tão larga divulgação?

E' um appello.

Appello á Academia de Letras para arranjar uma lei obrigando a adopção de um systema de arranjo techico (dubbing) pelo qual o film, estrangeiro, embora traga todos os sons falados, em idioma nacional.

Esse systema o sr. Almeida já o está praticando nos Estados Unidos. Por meio d'elle já fez a adaptação de alguns filmes de grande metragem, *Noivado de Ambição*, *Coragem de amar* e *Esposa de Ninguem*. O peor, porém, é que apesar dos peregrinos dotes do sr. Almeida os seus films assim vocalizados não agradaram. O que deseja o autor da mensagem é uma boa pepineira, isto é, que 50 por cento dos films que vêm para o Brasil passem

DA SEARA ALHEIA

por suas mãos para soffrerem o processo do *dubbing*.

Como negócio não é nada mão.

Amanhã, com os nossos argumentos quererá o sr. Almeida que os livros escriptos em alheio idioma que vem para o Brasil sejam tambem trazidos ou prohibida a sua importação.

E isto tudo a titulo de defesa do idioma.

Não faz muito, commentamos por estas columnas um artigo de um cidadão mexicano, escripto de Hollywood, em que elle se confessava apavorado com o perigo da desnacionalização do idioma hespanhol substituido pouco a pouco graças ao filme sonoro feito nos Estados Unidos.

O sr. Almeida naturalmente leu aquelle artigo, profusamente espalhado, tanto que ás nossas mãos chegou e achou de vantagem adoptar os argumentos do defensor do idioma de Cervantes.

Como então dissemos repetimos agora esse perigo para nós não extste.

Quem se deleita ao ler Flaubert, Maupassant e tantos outros não é por isso que deixava de admirar e amar a nossa lingua, a mesma lingua em que escreveu Machado de Assis.

Quem entender inglez gosará com os films falados em inglez. Quem não entender lerá as legendas superpostas. E disso mal não virá, nem com a lingua dos nossos paes que é a nossa e será dos nossos filhos, E que aprendamos o inglez com o film (como se fosse isso possivel!) será vantagem e não pequena. Ao menos poderemos ler Shakespere ou Marc Twain, no original, conforme os gostos.

Essa mensagem do sr. Almeida á Academia traz a eiva da suspeição. O sr Almeida é interessado e praticamente está mas é *cavando o seu*. Mais nada.

Temos esperanças de que a Paramount, a unica empresa que tem mostrado amor e respeito ao mercado brasileiro, encontre ainda o meio de satisfazer as nossas justas aspirações, dando-nos de vez em vez um *film brasileiro*

Não ha de ser, porém, com medidas restrictivas e de coerção que encobrem apenas um appetite formidavel de lucros dos interessados».



CLARA BOW, segundo noticiaram alguns jornaes, acaba de se consorciar.

Um filme espanhol

Sonorisa-se actualmente nos studios do Epinay um filme realizado pelo metteur-en-scène Fernando Roldan para a União cinematográfica espanhola. Esta importante produção fará reviver acontecimentos históricos, em particular os fusilamentos de Jacca e será intitulada *Firmin Galan*. A música foi especialmente composta pelos maestros Uya e Lon-tório.

A este filme está assegurado um êxito absoluto em toda a Espanha.

Amo Um Acadêmico — Porto—Então Você não se acreditou no que lhe disseram? Pois olhe que é verdade. Sou um homem de aspecto estranho. Sou baixo, bastante gordo, tenho uma lionina cabeleira vermelha que diz a d mi ravel mente com os meus olhos verdes (de longe pareço a bandeira nacional...) e uso uns bigodes fartos caindo aos cantos da boca. Um camaradinho meu ficou encantado consigo, quando a conheceu... Veja lá o que me faz ao rapaz... Escreva.



Mar-e-Alva — Porto—Não cheguei a ver *O Senhor Americano*, por isso nada lhe posso dizer. Sobre esses zumbuns não estou autorizado a pronunciar-me: É depois ainda nos chamam maus... Marcelle Chantal mora em Paris (XVI), rue Octave Feuillet. Colette

Darfeuil também: 78, rue du Théâtre. É conveniente mandar dinheiro. Encontra o que deseja no último número. Obrigado pelos abraços que retribuo.

Um apaixonado—Porto—Pobre de si!... Então, na verdade, Você viu Greta Garbo pela primeira vez em *Romanço*? E diz que já tem vinte e dois anos!... Se me tivesse dito que engulira um paralelepípedo eu não me admiraria tanto! E que diabo de ideia foi essa de se apaixonar! Ora tenha juízo. Faça antes namoro à sua vizinha ou à sua prima. Greta Garbo receberá a sua inflamada carta nos Metro-Goldwyn-Mayer-Studios—Culver City, California, U. S. A.

Eu!—Porto—Você!... Sim senhor. É verdade que Greta Garbo e Ramon Novarro aparecem juntamente no filme *Mata-Hari*. A Metro está agora seguindo nma nova tática. Resolveu juntar duas ou três estrelas de primeira grandeza num único filme, a ver se colhe melhores resultados que apresentando-os separadamente, um em cada fita.

A Partenaire do Fernando—Lisboa—Uma carta suavemente perfumada e enviada por mão feminina não podia deixar de chamar a minha atenção quando noutro dia me trouxeram o correio. Mas o que eu não esperava era o que nela se diria, nem tão pouco os momentos de boa disposição que me ia proporcionar. A letra, confesso, não a reconheço, mas parece-me disfarçada. Ha alguém que faz uns tt, uns cc e uns HH muito parecidos com os seus... mas isso pode não querer dizer nada... Por outro lado tenho aqui uma carta de papel da mesma família do seu, só diferindo na cor... o que pode também não querer dizer nada... O que eu vejo ao certo é que Você «sabe muitas coisas»... o que me leva a deduzir que a sua carta—que foi imaginada no firme propósito de me intrigar—só podia ter sido escrita, ou mandada escrever, por uma das oito ou nove pessoas que cita... ou por mim... Ha detalhes, como esse do mergulho do Carvalho no laguito da estufa fria, que só *essas pessoas* conhecem... Coitada da Julieta, diga-lhe que não chore mais... Quem estava também a pedir um mergulho era «esse senhor» que quer comprar um «carro de linhas» e que tira fotografias só para ele... mas como é o «sweetheart» duma menina de franjinha, tem escapado. É verdade! Agora é que eu reparo que quem não ha de gostar da historia dos «olhos de sexta-feira» é aquele nosso amigo que noutro dia, com um frio destes, queria ir para a montanha embriagar-se com os encantos da Natureza. (Bom maduro!...) O que vale é que ele não padece de «doleurs de coude»...

Agora vamos à parte cinematográfica (até aqui tratamos da parte fotogénica...) Então Voce ficou desapontada com *Big House*? Tem graça que é a segunda pessoa que mo diz. Digam o que quiserem, não ha nada como as versões originais. Em compensação vejo que *Matou!* lhe agradou em cheio. Nem outra coisa seria de esperar.

Agora tenho de acabar isto, que já vai longo de mais. Pode continuar com a sua bisbilhotice... e então, até breve!

Estudante Cinefilonudista—Porto—Não admira que Você esteja em desacordo com o final dum dos artigos que cita. É que esse escrito, apesar de ainda vir muito a propósito, já tem cerca de um ano... A praga das batalhas navais já invadiu os cinemas, sim senhor, e até nos electricos apparecem «batalhadores»... E ainda nós falamos de paz!... E o que tem graça é que a mania dos «combates navais» é doença contagiosa... doença que eu contrai e que já passei a outros... Confesso todavia que começo a enfastiar-me. De acôrdo com as suas impressões quinzenais. Devo porem dizer-lhe que se gostei pouco de *Renegados*, ainda gostei menos de *Homicídio*. Nem me fale neste filme! *Renegados* tinha realmente essa coisa: era uma pernicioso glorificação dos heróis guerreiros nesta época em que existe em todo o mundo um perigosissimo belicismo (se permite o termo) latente. Então que me diz a *Matou!*

Flôr dos Bosques—Porto—Cautela com os faunos!... Vejo que Você é uma rapariga de palavra Obrigado. Não senhora, de maneira alguma me zango por estar em desacordo comigo. Eu até gosto que os meus leitores discutam, exponham as suas opiniões, tenham juizos absolutamente pessoais. É uma prova de que não dizem por ouvir os outros dizer. Mas olhe que não tem razão, sabe? Esse filme está cheio de erros, não tem seqüência, e, alem disso, a historia não é das mais interessantes nem das mais inteligentes. A sua opinião sobre o filme *Harold Trepá Trepá* coincide com a minha. Obrigadíssimo pelos seus amáveis desejos.

Nibelungo—Lisboa—Não senhor, não sou. Diz-se que o filme de Clair *A Nous la Liberté* será estreado em França nn dia 18 deste mês. Creio que não tardarão em exhibi-lo entre nós. Sim senhor, Lya de Putti foi uma das interpretes de *O Tímulo Indio*, que Joê May realizou. Lembro-me ainda desse filme... e lembro-me também da impressão que em mim causou a beleza dessa pobre rapariga que a morte nos acaba de levar. Também nessa altura eu era um rapazote... Bons tempos!

Idealista—Porto—Sim, Você é um grande idealista. Infelizmente as coisas não se passam nunca como os nossos mais nobres sentimentos desejariam. Você faz-me lembrar o que Moussinac escreve no seu livro: «Cinéma Sovietique»: «O cinema responde, na sua essência e nas suas realidades profundas, às grandes formas de expressão colectiva. Ele exprime socialmente, duma maneira que corresponde às necessidades do mundo actual, uma étape nova na marcha das sociedades para a unidade.»

Dei-te um beijo—Porto—A mim!?? Não dei por isso... Deve aí haver engano... Sim, agora já acho que deve valer a pena pegar à pancada. Disseram-me que Você vale bem duas cacetadas... Não desgosto do seu novo pseudonimo... e quando quiser... dê-me mais beijos...

A. Gomes—Porto—Tudo depende da nossa disposição moral. Pelo menos em mim, isso influi duma maneira extraordinária na apreciação dum filme. Sim, é conveniente mandar. Todavia, eu, se fosse a Você, esperava mais algum tempo a ver o que dali sai...

Ignorante—Porto—Sim, diz-se que Clara Bow casou com Rex Bell. Bom proveito e muitos meninos é o que eu lhes desejo. Myrna Loy está agora nos Metro-Goldwyn-Studios, Culver City, Calif. U. S. A. Nada tem que agradecer. Pergunte sempre que queira.

T. Silva—Porto—As direcções que pede são as seguintes: Marion Davies: Metro-Goldwyn-Studios, Culver-City, Calif., U. S. A.; Constance Bennett: RK O-Pathe Studios, Culver-City, Calif., U. S. A.; Rosita Moreno: Paramount Publix Studios, Hollywood, Calif., U. S. A.; Peggy Ross: Fox Studios, 1401 N. Western Ave., Hollywood, Calif. U. S. A. Pode escrever-lhes mesmo em português. Deve mandar a cada um, pelo menos, vinte e cinco centimos americanos.

AMOK.

Visado pela Comissão de Censura

AS MULHERES DEVEM ANDAR SÓS OU ACOMPANHADAS ?

Eis um dos assuntos mais debatidos actualmente entre o elemento juvenil da colónia cinematográfica de Hollywood.

Como ambos os lados do assunto estão representados por jovens artistas que têm triunfado na carreira cinematográfica, o topico torna-se mais uma questão sobre o comportamento das jovens.

Joan Crawford, a querida estrela da Metro, é uma das partidárias da igualdade no que se refere aos direitos dos jovens de ambos os sexos. Joan julga que se uma rapariga foi educada como é devido, pôde muito bem tomar cuidado de si propria como qualquer rapaz.

Tendo demonstrado isto desde a época em que triunfou nos teatros de Broadway, quando passou da última para a primeira fila do côr—daí, à aprendizagem cinematográfica, da qual pouco tempo depois passou a formar parte do firmamento estrelado — o seu ponto de vista é o de uma jovem de grande experiência.

«E' antiquado esperar que uma jovem vá a uma festa acompanhada por seu pai, mãe, irmãos ou uma criada nestes tempos modernos,» diz Joan. «Se uma jovem é incapaz de cuidar da sua própria pessoa quando tenha alcançado a puberdade, então será incapaz de alcançar exito na vida.

«Actualmente o exito depende completamente da pessoa e se as raparigas de hoje não estão treinadas para fazer as suas proprias decisões, jamais poderão competir com aquelas que o fazem.»

Leila Hyams, é uma das que estão de acordo com a liberdade do sexo feminino. Esta encantadora artista, que é o tipo da jovem caseira, menciona a educação que deu a si própria e como resultado de sua infancia sem restrições:

«Eu era um exemplo típico das meninas que andam sempre agarradas às saias da mãe. Depois dum conselho de familia decidiu-se que eu já tinha passado da idade de viver no lar domestico e, por essa razão, fui obrigada a ganhar a minha vida.

«Não podia ter acontecido coisa melhor para mim,» continuou este expoente da moderna mocidade. «No principio era timida, mas não me levou muito tempo a aprender e conseguir o que desejava . . . e agora agradeço aos meus pais por me terem mostrado a porta da rua para procurar trabalho.»

A experiencia de Leila foi adquirida no teatro. Apesar de seus pais serem actores teatraes, os triunfos que Leila conquistou no teatro, foram ganhos pelos seus próprios méritos, adeantando-se numa profissão na qual sobrevivem só os que mostram talento e competencia.

Por outro lado, temos Anita Page a jovem mais acompanhada de Hollywood. Na opinião de Anita, este é o procedimento corrêto para se obter sucesso na vida. O pai de Anita Page é ainda como os pais antigos, da velha escola, e na educação da sua única filha tem seguido à risca as regras dos seus tempos.

Anita nunca foi a uma festa sem ser acompanhada por seu pai até que completou vinte e um anos. Contudo, em lugar de se rebelar contra esta vigilancia, Anita manifestava-se em completa harmonia com os desejos do seu progenitor:

«Uma jovem que trabalha, que está sempre no meio de estranhos, deve ter muito cuidado com os seus actos. Estou certa que ninguem se

(Conclui na última página).



Ethelinda Terry Lilian Roth e Dorothy Jordan.

As mulheres devem andar sós ou acompanhadas ?

(Conclusão)

opoz ao facto de eu sempre ir acompanhada a festas,» continuou esta moderna jovem da escola antiga, «pelo menos nunca me faltaram convites. Talvez se meus pais não fossem tão alegres e expansivos, provavelmente teria protestado, mas nós realmente divertimo-nos tanto juntos que não vejo motivo por que eles não me acompanhem.»

O leitor talvez julgue que a simpática Dorothy Jordan, que tantos admiradores vem conquistando com os seus papeis de jovem modesta e recatada, seja partidária também da escola antiga.

Mas não é assim. Dorothy é uma jovem que conquistou a sua independência e exitos em Hollywood depois de ter trilhado nos teatros de Nova York.

Dorothy tinha desesete anos quando deixou a sua familia para se inscrever numa escola dramática. Dali foi para os teatros de Broadway e depois para Hollywood.

Agora ela está morando no meio da colonia cinematográfica com sua familia—mas, conforme diz sua mãe, ela tem plena liberdade de fazer o que lhe passa pela cabeça, sem ter que dar satisfação dos seus actos.

«Sou de opinião,» disse Dorothy, «que uma jovem tem que ter liberdade. Contudo, ela não

se deve tornar tão independente que não esteja constantemente ao alcance dos cuidados da familia. Quero dizer com isto, que deve estar sempre onde os seus a possam encontrar, como o medico que está sempre ao alcance em caso de emergência.

«Minha mãe sempre sabia onde eu andava,» dizia Dorothy, «e por conseguinte, ela estava contente, pois sabia que eu não andava em más companhias. Na realidade, este é o melhor meio para uma jovem demonstrar o que vale, porque os pais frequentemente são demasiado tímidos quando se trata de aventuras um pouco arriscadas.»

E assim por diante, temos representantes que favorecem e desfavorecem a «companhia», cada qual seguindo a sua opinião e citando as suas próprias experiencias.

Orita Lage.

Lawrence Zibbett

(Conclusão)

desafiar inclemências—fixando aqui e ali as suas moradias provisórias, para seguirem depois, numa caminhada longa, por desertos e estevais, sabe Deus até onde, sabe Deus até quando...

Tomaz de Alencar

Uma grande noticia de inegavel interesse para os
- cinéfilos portugueses é a publicação da -

"BIBLIOTECA CINEMATOGRAFICA"

editada pela

« PORTUGAL CONTINENTAL FILMES »

Rua Antonio Maria Cardoso, 33

Se lhe interessa o primeiro volume a aparecer

"ARTE DRAMATICA APLICADA AO CINEMA"

que custa apenas 15\$00 inscreva-se
já para a edição do 1.º milhar.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas
Ex.mas Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 17 de Dezembro de 1931.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas
matinées dos dias 17 e 19 de Dezembro de 1931.

DAVID

Os dictadores da moda
de Calçado

—
PRAÇA DA BATALHA

Rua Sá da Bandeira, 34
Rua 31 de Janeiro, 60

— PORTO —

Antiga Merceria e Salchicharia

da Rua de Santo Antonio

Compras e vendas a dinheiro

Vendas por junto e a retalho

= DE =

Andrade & Carvalho

228, Rua 31 de Janeiro, 232

== PORTO ==

TELEFONE, 1367

Nova Chapelaria Sousa

= E =

Antiga Casa João David

44-RUA 31 DE JANEIRO-48

— PORTO —

VENDAS A PRESTAÇÕES DE:

Chapeus, bonés, malas, carteiras e
artigos de viagem

Café Leão d'Ouro

Vende directamente
ao publico
melhor café
móldo

Kilo 16\$00

Tabacaria David

= DE =

José Moutinho

LIVROS = TABACOS
PUBLICAÇÕES

Rua Sá da Bandeira, 30

△ PORTO △

TIPOGRAFIA

EMPRESA-GUEDES

— LIMITADA —

242, Rua Formosa, 248

△ PORTO △

TELEFONE, 2499

AGUIA D'OURO

apresenta na próxima 2.^a feira

A mais famosa produção
lírica até agora realizada
e exibida em Portugal

LUA NOVA



com as duas cele-
bridades do "Me-
tropolitan Opera
House" de Nova York

Lawrence Tibbett

e

Grace Moore

Um fonofilme

da M. G. M.

